



## APRESENTAÇÃO

### O SIGNIFICADO LINGUÍSTICO EM PERSPECTIVA

O presente número temático, organizado por Maria Lucia Leitão de Almeida, Ana Paula Quadros Gomes e Jorge Luiz Ferreira Lisboa Júnior, dedica-se à Semântica.

Os trabalhos que compõem este número apresentam análises semânticas sob as perspectivas da Semântica Cognitiva e da Semântica Formal, tendo como foco especial os fenômenos do português e assumindo diferentes posições quanto aos objetos em estudo. Embora a Semântica Cognitiva e a Formal tenham visões alternativas sobre os fenômenos semânticos, uma conversa entre elas pode resultar muito instigante e produtiva. Ambos os modelos fornecem resultados sólidos, contribuindo para o conhecimento científico sobre o significado em línguas naturais e, em especial, de línguas ainda muito pouco descritas do ponto de vista semântico e pragmático, como o português.

Desejamos incentivar, com este número, uma prática integradora que favoreça o diálogo entre semanticistas de diferentes vertentes. Esse diálogo é bem sugerido pelo nosso homenageado, o semanticista brasileiro Rodolfo Ilari. Nas palavras dele:

Se eu fosse a falar só de Semântica, eu diria que é um caminho de muita dispersão, é um caminho onde as pessoas trabalham, muitas vezes, sozinhas. Não têm um hábito que seria fundamental, um hábito que é de uma pessoa que trabalha com um certo tipo de Semântica abrir o jogo para outro tipo de pessoas que trabalham com outro tipo de Semântica. Então, as coisas não funcionam como vasos comunicantes, funcionam como vasos fechados. (ILARI, 2018, p. 7-8)

Ao integrarmos neste dossiê diferentes modos de fazer semântica, temos como intuito criar um espaço simbólico de interlocução, ao mesmo tempo que oferecemos ao leitor uma visão panorâmica de uma paisagem de estudos do significado em que convivem diferentes perspectivas de análise.

Aliás, a semântica, como a linguística de modo geral, pode ser bem representada por meio



da feliz metáfora de Geeraerts (2010)<sup>1</sup>: uma paisagem montanhosa em que há largos vales, por onde fluem teorias clássicas em direção a vales laterais e mesmo a pequenos recantos, onde são refinadas teorias e tópicos específicos esquadrihados. Certamente, nessa paisagem, o leitor notará a diversidade em questões fundamentais sobre aquilo que se entende por significado, sobre a relação entre o gramatical e o cognitivo, entre o semântico e o pragmático, e visitará as diferentes visões da composicionalidade... Por isso mesmo, pensamos que um belo elogio à ciência, nos tempos em que vivemos, seja justamente a possibilidade do diálogo na diferença, não com o objetivo de promover a circunscrição de territórios, — embora seja “natural” à dinâmica científica — mas com o de fazer avançar o conhecimento, de construirmos juntos um saber (provisório) mais avançado.

Os artigos que compõem este dossiê não esgotam, mas representam bem o estado da arte da pesquisa em semântica cognitiva e formal em nossos dias. O leitor terá acesso a uma diversidade de temas e fenômenos a partir da contribuição de pesquisadores de instituições científicas do Brasil, dos Estados Unidos e da Europa.

Iniciamos com um texto de Rodolfo Ilari, o nosso homenageado (Seção Especial). Ilari contribuiu de forma decisiva para uma agenda de estudos linguísticos que focalizasse explicitamente uma semântica do português, além de ter formado diversos semanticistas no Brasil. Por sua representatividade entre nós, semanticistas, abre o Dossiê de Semântica um estudo-projeto de Ilari, intitulado “A Semântica do Passado Composto em Português” (Projeto de Pesquisa), em que ele revisita assunto caro a ele, sobre o qual jocosamente declara que “ficou na saudade”. Sorte a nossa, então, que podemos publicá-lo, viabilizando a sua leitura. Os trabalhos sobre esse tempo verbal apontam, *via de regra*, para uma simples rotina. Entretanto, o objetivo do autor é mostrar que há uma leitura iterativa e outra durativa e essas podem se articular. Esse objetivo é alcançado, oferecendo uma descrição elegante para o fenômeno, no quadro teórico da Semântica Formal.

A seguir, há duas entrevistas, cada uma com pesquisadores de ponta de cada corrente teórica e autores de livros fundamentais: Gilles Fauconnier e Gennaro Chierchia.

A entrevista que abre essa Seção foi concedida por Gilles Fauconnier, um dos pilares da Semântica Cognitiva, aos pesquisadores Maria Lucia Leitão de Almeida (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Jorge Luiz Ferreira Lisboa Junior (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Fauconnier é professor emérito e pesquisador do Departamento de Ciência Cognitiva da Universidade da Califórnia de San Diego. É autor de livros fundamentais em semântica cognitiva e em ciência cognitiva, como *Mental Spaces* (1985 [1994]), *Mappings in Thought and Language* (1997) e *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities* (2002), este em parceria com Mark Turner. Mais recentemente, publicou pela Brill Books *Ten Lectures on Cognitive Construction of Meaning* (2018), em que discute as suas descobertas estimulando novos *insights* para a pesquisa na área.

Nessa entrevista, intitulada *Semantics and Cognition*, Fauconnier aborda tópicos fundamentais em Semântica Cognitiva, dentro da teoria dos *espaços mentais* e da *mesclagem conceptual*. A construção cognitiva do significado linguístico constitui o tema central da entrevista e o leitor terá a oportunidade de acompanhar o raciocínio generoso de Fauconnier em um passeio por fenômenos largamente discutidos em sua agenda científica, como a pressuposição, os modais, *spaces builders*, comunicação implícita e “significado invisível” em implicaturas, a relação entre metonímias e compressões metonímicas, metáforas conceptuais, o papel da mesclagem conceptual na interpretação de construções gramaticais, dentre outros tópicos de relevância para a compreensão de fenômenos semânticos. A entrevista cobre amplamente as bases da semântica cognitiva praticada por Fauconnier, podendo ser útil a linguistas e a cientistas cognitivos, em geral, e indispensável a quem deseje se tornar um semanticista cognitivo.

A próxima entrevista traz um dos grandes nomes da Semântica Formal, Gennaro Chierchia (Harvard), tido como “um dos mais amados linguistas do nosso tempo, e propositor de algumas das ideias mais estimulantes em semântica”<sup>2</sup>. Mais que uma entrevista, esse bate-papo entre Chierchia e Roberta Pires de Oliveira (UFSC/UFPR) — que foi professora visitante em Harvard, a convite dele, em 2016, e que é sua parceira de pesquisa — percorre os tópicos mais fundamentais da semântica formal contemporânea, fornecendo um guia aos interessados nessa área da linguística. Para Chierchia, o progresso com respeito a diversos pontos substantivos da área nas últimas décadas foi grande a ponto de hoje podermos confiar nos formalismos que compartilhamos, podendo permanecer neutros relativamente a questões semânticas de base, como, por exemplo, quanto ao que são de fato as condições de verdade. Essa imperdível conversa entre os semanticistas aborda temas tão importantes quanto conjunções booleanas, *type shifting*, quantificadores generalizados, a (não) universalidade dos determinantes, a teoria da vinculação e a (co)referência, o argumento-evento, a estrutura argumental, a modificação adverbial, papéis temáticos, modificação nominal, orações relativas, adjetivos, vagueza, encaixamento, complementos, leituras *de se* e *de re*, modalidade, pressuposições, implicaturas etc.

O dossiê apresenta duas partes que facilitam a visão da paisagem: uma seção dedicada à Semântica Cognitiva e uma seção dedicada à Semântica Formal, que apresentaremos adiante.

A seção de artigos em Semântica Cognitiva é aberta com o *paper*, de Danqing Huang, Dirk Geeraerts e Weiwei Zhang, intitulado *A Semantic Analysis of the FIRE radical in Chinese*. Partindo do pressuposto da centralidade do conceito de fogo para a civilização humana, incluindo a chinesa, os autores se propõem a analisar as extensões semânticas do ideograma quando é raiz para palavras compostas. É interessante notar que, no caso específico do chinês, os radicais, provenientes de “palavras” independentes, ao integrarem a formação de outras, assumem uma acepção mais ampla e indicam um processo de categorização do conceito. Usando ampla base de dados, os autores estabelecem a categoria radial que estrutura extensões globais de FOGO como radical.

O segundo artigo da seção em Semântica Cognitiva é o estudo de Rita Szabó-Brdar e Mário Brdar, intitulado *The Bruce Willis of Sandwiches: the Y of X is Y of Z construction on its journey towards a paragon model, as one way of achieving intersubjectivity*. Os autores abordam um tipo de construção gramatical XYZ, a exemplo de *Is sad singleton Vladimir Putin the Jennifer Aniston of European politics?* ou *Milka is the Mercedes of chocolates*. Conforme Szabó-Brdar & Brdar, essas construções XYZ envolvem casos figurativos que solicitam mapeamentos criativos entre os elementos referenciais que instanciam os SN's da construção. Tais mapeamentos consistem em comparações (metáforas) baseadas em modelos cognitivos metonímicos de *paragon* (LAKOFF, 1987). Para o mapeamento entre X e Y ser bem sucedido, é necessário que Y seja interpretado conforme o “melhor modelo de”, para que, então, seja comparável a X. No entanto, esse “melhor modelo de”, na proposta dos autores, é um *quasi-paragon*, uma vez que não corresponde a modelos necessariamente compartilhados *offline*, mas criados situacionalmente, podendo ou não vir a se tornar modelos convencionais. Por isso, a felicidade dessas construções também estaria relacionada ao alinhamento intersubjetivo dos falantes para a negociação *online* de categorias que são construídas para a comparação de Y para X.

O artigo discute ainda o problema da “comparação de dois gumes” no mapeamento entre nomes próprios, X e Y (VEALE, 2014). Embora não assumam o modelo integral da mesclagem, os autores admitem que a comparação de dois gumes refere-se tanto a uma comparação baseada em metonímia de Y para X quanto a uma comparação de X para Y, para a criação de um efeito humorístico ou de uma perlocução negativa. O efeito humorístico ou negativo seria causado justamente por se tratar de pareamentos inesperados entre duas entidades. A discussão proposta é bem interessante, pois oferece uma análise alternativa à mesclagem e envolve dados autênticos de uso linguístico, com riqueza de detalhes.

No artigo *Provocações morfológicas à gramática cognitiva*, Janderson Lemos de Souza situa o lugar da semântica na morfologia em um modelo mais recente da gramática cognitiva (LANGACKER, 2019). Uma das provocações do autor — dentre outras — está na ideia de que a semântica e a morfologia não constituam propriamente uma interface entre dois componentes linguísticos, como pode supor uma visão estruturalista e seriada da gramática. O autor propõe, na verdade, o enquadre da semântica sobre a morfologia. Para sustentar essa hipótese forte em sua orientação argumentativa, o autor constrói uma reflexão sobre a semântica de construções morfológicas e sobre a polissemia na morfologia e sinaliza ainda para a formação de redes de construções morfológicas, praticando uma semântica construcional. Lemos de Souza baseia sua proposta na *motivação simbólica*, propondo que a morfologia seja considerada um epifenômeno de processos de simbolização da estrutura conceitual, isto é, uma materialização da semântica (LANGACKER, 1987, 1991, 2008, 2009). A ideia é que os processos semântico-conceptuais tenham repercussão ou manifestação morfológica, com impactos na organização da gramática, a exemplo da relação de assimetria entre *dependência* e *autonomia* (“A/D asymmetry”) que

atuam sobre o próprio *design* morfológico.

O artigo *Redobramento, recursão e verbos de movimento em português*, de Verena Kewitz, dialoga com a tipologia semântica do movimento proposto por Talmy (2000) para a análise das construções de percurso redobrado em português. As construções de percurso redobrado são aquelas que codificam a informação de percurso no verbo e em expressões preposicionadas ou adverbiais, a exemplo de sair (para) fora, entrar (para) dentro etc. Essas construções costumam não receber a devida atenção por serem consideradas tradicionalmente como formas pleonásticas; contudo a autora demonstra que tais construções são semanticamente mais complexas e mais interessantes do que poderia supor o argumento reducionista do pleonismo. A autora argumenta que o percurso redobrado exibe recursão semântica, com base no princípio de recursão proposto por Castilho (2015), no âmbito da gramática multissistêmica. Kewitz também se posiciona sobre a diferença semântica entre construções de percurso redobrado, que envolveriam a recursão, e não redobrado, sem recursão, como “entrou dentro de” vs. “entrou em”, “saiu pra fora vs. saiu fora”, e aventa a hipótese do *construal* (TALMY, 2000). Conforme a hipótese levantada, as construções de percurso redobrado e não redobrado colocariam em evidência *perspectivas distintas* do falante sobre a constituição de uma cena complexa de movimento. A autora constata ainda que tais padrões de percurso redobrado, ao contrário da expectativa tradicional, ocorrem convencionalmente em textos formais do português arcaico, seu recorte de análise, a partir de um estudo documental bem desenvolvido com base nas tradições discursivas. O estudo apresenta também outras fortes implicações de análise para a noção de “redobro” (MORAES DE CASTILHO, 2005) e para a noção de “recursão” de Castilho (op.cit) pelo enquadre da Semântica Cognitiva, considerando encaminhamentos para mais pesquisas sobre o fenômeno.

O artigo *Plasticidade discursivo-textual: mecanismos de reanálise*, de Graça Rio-Torto, apresenta uma análise funcional e cognitiva sobre processos de *plasticidade* no significado linguístico, que envolvem a mudança semântica e a reanálise léxico-gramatical. A plasticidade a que a autora se refere é um fenômeno ativo na semântica linguística, concernente à flutuação de substantivos e adjetivos que são recategorizados em suas classes e funções prototípicas como referenciadores e qualificadores, para a implementação de novas funções semânticas, como predicativos e intensificadores, a exemplo de “uma *senhora* aula”, “um *puta* professor”, “uma *bosta* de aula”, “o livro vendeu *horrores*” etc. Para descrever esse fenômeno de plasticidade, o artigo estabelece um diálogo entre o Funcionalismo *strictu sensu* e os modelos da Linguística Cognitiva, a saber, a semântica cognitiva, aqui, especificamente a de Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987), com a proposição de categorias prototípicas, metáforas e metonímias conceptuais, e a gramática de construções de Lakoff (1987, cap. 13) e Goldberg (1995, 2006). Rio-Torto propõe que a motivação do fenômeno da plasticidade, que defende ser discursivo-textual, seja de ordem expressiva e conceptual. É por necessidade de expressar uma avaliação que o falante utiliza um termo prototipicamente referencial como predicativo ou prototipicamente

qualificador como intensificador; mas também é por necessidade conceptual, na medida em que a plasticidade semântico-funcional se deve à própria flexibilidade cognitiva para a construção de categorias linguísticas radiais por meio de processos metafóricos e metonímicos.

O artigo *A palavra como arma: metáforas de guerra na conceptualização do antagonismo verbal*, de Solange Coelho Vereza, analisa diferentes instanciações de “palavra” em *memes*. A análise de *palavra* como expressão metafórica em uso permitiu a identificação da metáfora conceptual PALAVRA É ARMA como uma metáfora produtiva. Quando se trata de antagonismos verbais, ‘palavras’ podem *ferir*, *machucar* ou *matar*, como se a ‘palavra’ fosse uma *arma*. Importam-se do domínio-fonte ARMA para o domínio-alvo PALAVRA diferentes “recortes” que licenciam expressões metafóricas como “palavra é arma” ou “palavra é uma arma sem gatilho”, conforme os exemplos da autora. Para Vereza, o *frame* “arma” no domínio-fonte é, por sua vez, um recorte do *frame* mais abrangente “guerra”. A *guerra* é o *frame* estruturante de outra metáfora que envolve o antagonismo verbal, DISCUSSÃO É GUERRA, amplamente discutida desde a proposta de Lakoff e Johnson (1980). É convencional em nossa cultura construirmos conflitos na comunicação humana em termos de uma “luta verbal”. Exemplos linguísticos como “ele *venceu* o debate” ou “o que ele disse foi um *tapa na cara*” podem construir metaforicamente a cena do antagonismo verbal, tendo em vista a metáfora de uma “discussão” como “guerra”. Vereza propõe, então, uma relação entre as metáforas conceptuais, em que a conceptualização de PALAVRA É ARMA ancora-se na metáfora conceptual mais *esquemática* de DISCUSSÃO É GUERRA. As metáforas em uso descritas por Vereza demonstram ainda o substrato conceptual da dinâmica de forças (TALMY, 1988), a base corporificada da metáfora do antagonismo verbal. Embora esse não seja o foco central de sua análise, a autora indica o esquema imagético da dinâmica de forças como fundamental para análises alternativas. Com isso, Vereza demonstra a relevância do equilíbrio entre abordagens corporificadas da metáfora e abordagens cognitivo-discursivas (HAMPTE, 2017, cap.1)<sup>3 4</sup>.

A seguir, temos o artigo de Aurelina Ariadne Domingues Almeida, intitulado *A categorização em perspectiva sociocognitiva de um africanismo do português do Brasil: o item léxico xereca*. Este estudo propõe uma abordagem sociocognitiva da categorização do item lexical “xereca”, focalizando os seus diferentes usos na interação e no discurso. A abordagem sociocognitiva, em linhas gerais, desenvolve uma compreensão integrada das facetas da categorização humana, a um só tempo linguística, cognitiva e cultural. Os usos do item lexical “xereca” abarcam vários aspectos da categorização, dentre eles a interdição — como item tabu — e a livre-circulação em diferentes arenas do discurso, de modo que se pode identificar na categorização dessa variante um *status* diferenciado de convencionalidade e entrincheiramento cognitivo em relação às suas covariantes no domínio das palavras que se referem ao órgão genital-sexual feminino, como *buceta*, *vulva*, dentre outras. Ao apresentar uma análise qualitativa da variante lexical “xereca” em situações de interação e de discurso, a autora identifica singularidades fundamentais para a compreensão mais fina da ecologia de

significados que circulam socialmente acerca do item léxico “xereca”.

Encerramos a seção de Semântica Cognitiva com o trabalho *A metáfora no ensino: uma análise de seu potencial como recurso pedagógico em videoaulas do Youtube*, de John Schabaram e Rove Chishman. Este artigo focaliza o papel da metáfora em uso em videoaulas do Youtube, na tarefa de representação de conceitos científicos, propondo uma tipologia para as expressões metafóricas identificadas em técnicas, subtécnicas e constitutivas de teoria, conforme Cameron (2003). O estudo certamente contribuirá para aqueles que trabalham com a análise de metáforas conceptuais produzidas *on-line*.

Os artigos de Semântica Formal vão abordar questões relacionadas à geração de significado em três línguas distintas: o caboverdiano de Sotavento, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o português brasileiro (PB), todas elas insuficientemente descritas presentemente, sobretudo quanto à sua semântica, e em graus diferentes, todas candidatas a línguas minoritárias. Os artigos versam sobre fenômenos bastante diversificados: a necessidade ou não da presença de determinantes em sintagmas nominais argumentais, a influência de sintagmas preposicionais direcionais na telicidade de eventualidades, a interpretação de respostas sim-não, as distinções interpretativas entre classes acionais, e, ainda, duas questões ligadas à expressividade de adjetivos — a permeabilidade da fronteira entre as funções de advérbio intensificador e de adjetivo, quando se trata de palavrões, bem como o licenciamento de adjetivos em exclamativas. Do ponto de vista do recorte teórico, múltiplas e distintas escolhas convivem no conjunto dos artigos: uma semântica clássica para sintagmas nominais argumentais, uma semântica de vetores direcionais compondo o telos das eventualidades, a ideia de que a semântica é um produto da sintaxe, uma semântica clássica vendleriana para a distinção de classes acionais e uma semântica da expressividade, utilizada tanto para analisar usos corriqueiros de palavrões quanto para a inserção de adjetivos em sentenças exclamativas curtas. Dois dos trabalhos, o de Libras e o sobre adjetivos em exclamativas, recorrem a experimentos que precisaram ser desenhados e aplicados antes que seus resultados pudessem ser relatados e discutidos neste dossiê. Assim, a semântica experimental também se faz representar nesta seção, dedicada à semântica formal, completando um menu bastante variado.

O artigo *Os nomes nus em caboverdiano*, de Wânia Miranda, justamente ilustra a falibilidade do universal dos determinantes (BARWISE; COOPER, 1981), descrevendo os nominais da língua (ou variedade) falada em Sotavento e região, em que os argumentos não apresentam determinantes. A ampliação do conhecimento sobre línguas insuficientemente descritas, línguas de minorias, como as indígenas, no território americano, e as africanas, colocou em xeque universais de primeira geração, que projetavam regularidades encontradas em línguas europeias como universais linguísticos, aumentando o repertório de variedades e o desafio da busca por universais semânticos.

No artigo *Sobre as preposições de trajetória do português brasileiro: tipologia e valor*

*aspectual*, Thayse Letícia Ferreira e Renato Miguel Basso debruçam-se sobre a influência das preposições de trajetória do português brasileiro (PB) representadas por ‘de’, ‘por’, ‘até’ e ‘para’ sobre as propriedades acionais dos eventos. Os autores lançam mão de uma tipologia de vetores à moda de Zwarts (2005, 2008), concluindo que preposições e sintagmas preposicionais não-cumulativos e direcionados para o ALVO da trajetória, desde que incluam esse ponto em sua denotação, podem alterar a telicidade do evento.

Em seu artigo *O sistema responsivo do português brasileiro*, Lílian Teixeira de Souza aposta na sintaxe como fonte geradora das interpretações, assumindo com Holmberg (2013, 2016) que a sintaxe das respostas a perguntas sim-não é similar à sintaxe das perguntas. As línguas, de acordo com o autor citado, podem ser tipologicamente divididas entre sistemas baseados na verdade e sistemas baseados na polaridade. Considerando que o PB apresenta três tipos de negação, dependendo do número e posição de itens negativos na sentença — Neg VP; Neg VP Neg e VP Neg —, o artigo discute como inserir o sistema responsivo do português brasileiro (PB) nessa tipologia. Teixeira de Souza defende que é a posição estrutural, em detrimento dos traços presentes ou não nos itens, que leva a uma ou a outra interpretação.

Gabriel Simonassi e Luciana Sanchez-Mendes, no artigo *A duratividade na expressão aspectual em Libras*, buscam identificar traços semânticos distintivos das classes acionais (VENDLER, 1957) em Língua Brasileira de Sinais (Libras), defendendo que os predicados verbais das classes de *accomplishment* e de atividades na Libras se comportam de modo distinto e influenciam a expressão aspectual dessa língua, tanto na esfera lexical quanto na esfera gramatical. O método de Elicitação Controlada (MATTHEWSON, 2004) foi utilizado para coletar de forma sistemática e objetiva os dados. O consultor optou por diferentes estratégias para expressar a duratividade: em predicados de *accomplishments* e atividades, foi adotado um sinal indicativo de passagem de tempo, ao passo que, em predicados com movimento direcionado (téllicos e atélicos), foram utilizadas outras estratégias associadas ao aspecto gramatical, como indicar uma fase preparatória ao evento.

Já o artigo *Putá: a sintaxe e a semântica de um controverso intensificador*, de Renato Miguel Basso e Luisandro Mendes de Souza, discute a expressão intensificadora ‘putá’, a partir de uma abordagem formal do significado. Os autores defendem que, mesmo precedendo um nome dentro do sintagma nominal, o termo modifica a combinação do nome com um adjetivo, que pode vir explicitado ou não. Com o adjetivo implícito, a avaliação é positiva; o adjetivo explícito contribui com sua semântica para a avaliação positiva ou negativa do nome. Para os autores, há uma ambiguidade estrutural em sintagmas como “uma puta festa legal”, que pode denotar “uma festa muito boa e legal” ou “uma festa muito legal”. As condições de verdade da sentença incluem a contribuição de “puta”, que eleva o padrão contextual da escala dada pelo adjetivo; ao mesmo tempo, no plano expressivo, “puta” indica um envolvimento subjetivo do falante.



Por fim, Tatiane Gonçalves Sudré, em seu artigo *A expressividade no português brasileiro sob um olhar experimental*, examina o licenciamento de adjetivos em contextos altamente seletivos, como são aqueles que denotam certo grau de expressividade. Partindo do fato de que sentenças exclamativas curtas (“Que X!”) aceitam virtualmente todos os nomes, mas poucos adjetivos (Que lindo! / Que grande! / \*Que algébrico! / \*Que rodoviário!), a autora foi buscar em um estudo experimental realizado para o inglês (BRASOVEANU; RETT, 2016), o qual tinha por objetivo investigar a natureza da expressividade naquela língua, a partir de construções adjetivais e de diferentes tipos de adjetivos, a inspiração para desenvolver sua própria investigação experimental em PB. Os resultados dos experimentos indicam que ser um adjetivo de grau (KENNEDY; McNALLY, 2005) é condição *sine qua non* para o adjetivo ser licenciado em exclamativas curtas, e que, dentre os adjetivos de grau, os de grau relativo são os mais propícios à expressividade.

Por meio desses seis artigos, obtemos um pequeno panorama dos caminhos da pesquisa formal no Brasil, com uma exemplificação da rica gama de caminhos metodológicos e de temas de interesse.

E, assim, fechamos este dossiê de semântica, muito felizes com a sua representatividade. Para concluir, subscrevemos estas palavras de Ilari (2018): “Quanto a mim, não é que eu acredite num só tipo de Semântica. Acho mesmo que vários tipos de Semântica são bons e se completam.” (ILARI, 2018, p.3).

Boa leitura a todos.

*Maria Lucia Leitão de Almeida, Ana Paula Quadros Gomes & Jorge Luiz Ferreira Lisboa Júnior*

## Referências

BARWISE, J.; COOPER, R.. Generalized quantifiers and natural language. In: *Philosophy, language, and artificial intelligence*. Springer, Dordrecht, 1981. p. 241-301.

BRASOVEANU, A.; RETT, J. Evaluativity across adjective and construction types: An experimental study. *Journal of Linguistics*. 2016.

CAMERON, L. *Metaphor in educational discourse*. London/UK: Continuum, 2003.

CASTILHO, A. T. de. O que se entende por língua e por gramática. 2ª versão do primeiro capítulo de *Nova Gramática do Português Brasileiro*, ms., 2015.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. *Mappings in Thoughts and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_ ; TURNER, M. *The Way we Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.

\_\_\_\_\_. *Ten Lectures on Cognitive Construction of Meaning*. Distinguished Lectures in Cognitive Linguistics. Leiden: Brill Books, 2018.

GEERAERTS, D. *Theories of lexical semantics*. New York/Oxford: Oxford University Press, 2010.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press on Demand, 2006.

HAMPTE, B. Embodiment and Discourse: Dimensions and Dynamics of Contemporary Metaphor Theory. In.: HAMPTE, B. (ed), *Metaphor Embodied Cognition and Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

HOLMBERG, A. The syntax of answers to polar questions in English and Swedish. *Lingua* 128: 31-50. 2013. <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2012.10.018>.

HOLMBERG, A. *The syntax of yes and no*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

ILARI, R. Entrevista ao Professor Rodolfo Ilari. *Revista Eletrônica de Linguística dos estudantes da Universidade do Porto*. v. 7, n. 2. 2018.

KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, p. 345-381, 2005.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press. 1987.

\_\_\_\_\_. The contemporary theory of metaphor. In.: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press. 1980.

\_\_\_\_\_. The metaphorical structure of the human conceptual system. *Cognitive science*, v. 4, n. 2, p. 195-208, 1980.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. 1, *Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. 2, *Descriptive Application*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. *Morphology in Cognitive Grammar*. AUDRING, J.; MASINI, F. The Oxford Handbook of Morphological Theory. Oxford and New York: Oxford University Press. 2019.

MATTHEWSON, L. On the methodology of semantic fieldwork. *International journal of American linguistics*, v. 70, n. 4, p. 369-415, 2004.

MORAES DE CASTILHO, C. M. *O Processo de redobramento sintático no português medieval. A formação das perífrases de estar*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Tese de doutoramento, 2005.

TALMY, L. Force dynamics in language and cognition. *Cognitive science*, v. 12, n. 1, p. 49-100, 1988.

\_\_\_\_\_. *Towards a Cognitive Semantics. Vol. I: Concept Structuring Systems*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2000a.

\_\_\_\_\_. *Towards a Cognitive Semantics. Vol. II: Typology and Process in Concepts Structuring*. Cambridge: Massachusetts, MIT Press, 2000b.

VEALE, T. The ABCs of XYZs: Creativity and conservativity in humorous epithets. In.: MANJALY, J.; INDURKHYA, B. (eds.) *Cognition, experience, and creativity*. New Delhi: Orient Blackswan, 2014.

VENDLER, Z. Verbs and times. *Philosophical Review*, 56. 143–160, 1957.

ZWARTS, J. Prepositional aspect and the algebra of paths. *Linguistics and philosophy*, v. 28, n. 6, p. 739-779, 2005.

ZWARTS, J. Priorities in the production of prepositions. *Syntax and semantics of spatial P*, v. 120, p. 85, 2008.